

cinzas do Vesuvio. Com o mesmo destino o rei Victor Manuel dará 90 contos.

Para que as escavações se realizem, é necessario começar por demolir umas 100 casas modernas, edificadas sobre os restos da antiga cidade.

(*Diario de Noticias*, de 23 de Julho de 1911).

42. Os papéis de Crispi

O governo italiano mandou examinar e escolher os papéis deixados pelo eminente estadista sr. Crispi, a fim de fazer a selecção daquelles, que deviam ser considerados como envolvendo interesses do Estado. Entre elles encontraram-se os telegrammas originaes enviados aos jornaes supprimidos durante a guerra de Africa, a correspondencia com o general Barattieri, que precedeu a derrota de Adua, a correspondencia com o rei Humberto, todo o «dossier» relativo ao rompimento de Crispi com Cavallotti, documentos que não é possivel publicar.

Em França ha lei que autoriza a sellagem pelas autoridades, dos papéis encontrados nos espolios dos officiaes de terra e mar, sendo considerados como do Estado os mappas, croquis, plantas, relatorios, correspondencia de character official ou envolvendo interesses do Estado, etc. Em Italia e na Allemanha cremos que tambem ha disposições legais applicadas a estes casos. Em Portugal nada ha a semelhante respeito e precedentes ha que teriam já justificado o decretamento de analogia providencia e cremos que não será preciso ir muito longe para reconhecer a sua necessidade. Por falta d'ella teem-se perdido documentos de grande interesse politico e de alto valor internacional.

(*Diario de Noticias*, de 6 de Dezembro de 1908).

P. A. DE AZEVEDO.

Sete medalhas da Guerra Peninsular

(existentes no Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa)

«Nenhã cousa conserva tanto as memorias da Antiguidade como as medalhas».

BLUTEAU, *Vocabulario portuguez e latino*, s. v. «medalha».

De entre os factos da historia portuguesa do sec. XIX avultam no principio d'elle os que constituem a chamada «Guerra Peninsular», a qual, principiando em 1807 com a invasão de Junot, termina verdadeiramente em 1814 com a batalha de Tolosa de França.

Esta guerra, se despertou o brio nacional, e fez que o povo e o exército, secundados pelos Ingleses, rechaçassem heroicamente as hor- das napoleonicas, provocou tambem outras manifestações da vida eth- nica, nos districtos da imaginação e do sentimento, na arte e na littera- tura,—senão com grande brilho, porque a nação estava muito abatida, ao menos com sinceridade.

A multidão de tropas exoticas que se alastrava em ondas no reino, vinda ora pela Beira, ora pelo Norte; o typo physico dos soldados,—altos, rosados, loiros; o idioma arrevesado que estes grasnavam, no qual não se descortinavam facilmente parecenças com o vernaculo; as brutalidades commettidas: tudo encheu de espanto as populações, que depois da epoca dos Arabes (sec. VIII—XIII) não conservavam memoria de lutas no continente com gentes tão estranhas, visto que os Hespa- nhoes, embora muitas vezes andassem de briga com Portugal, nos são familiares na lingua e no aspecto, como vizinhos de ao pé da porta.

Criaram-se no decurso do tempo lendas locaes, ou antes, adapta- ram-se aos novos invasores as que desde eras remotas se applicavam aos Arabes (Mouros), ou a outros povos¹; das diversas classes, quer cultas, quer populares, surgiram poetas que ora enalteceraam o denodo com que os seus concidadãos expuseram a vida por honra da patria, ora verberaram em satiras mordentes os oppressores²; escreveram-se livros e folhetos, delinearam-se quadros, levantaram-se padrões, fabri- caram-se medalhas³. Ninguem deixou de dar o seu concurso, por mo-

¹ Vid. o Appendice, I.—Além do que menciono nesse appendice, sei, por informação do Sr. Pedro de Azevedo, que ha tradição de se encontrar occulta em uma fazenda situada no Vimeiro a caixa militar do exército francês, o que dá motivo a apparecer muitas vezes revolido o terreno, chegando mesmo uma noite a ser voltada pelos exploradores anonymos uma grande lage. Lendas d'estas são frequentes entre nós (referidas aos Mouros), e noutros países. O pior é que os sonhadores de riquezas tem de sempre exclamar com Phedro, *Fabul.*, VI, 6:

.. sed fato invido

Carbonem, ut aiunt, pro thesauro invenimus!

² Vid.: *Relação provisoria das obras... para a exposição biblio-iconographica* (Biblioteca Nacional), Lisboa 1909; *Relação provisoria dos manuscriptos...* (para a mesma exposição), Lisboa 1909; *Relação das especies bibliographicas e iconogra- phicas relativas á Revolução Franceza e Imperio* (biblioteca de Adolfo Loureiro), Lisboa 1909; *Nota acêrca das invasões francezas em Portugal*, por Brito Aranha, Lisboa 1909.—Acêrca da poesia popular vid. A. Thomás Pires, *Cancioneiro Po- pular Politico*, 2.^a ed., Elvas 1906, pp. 1-7.

³ Vid. as obras citadas na nota 2, e o Appendice, VI. Está-se organizando na Biblioteca Nacional de Lisboa, em commemoração do centenario da Guerra

desto que parecesse, para mostrar que ainda vivia. A guerra extenuára o país, não extinguíra porém a alma nacional.

*

Tornarem-se como que um eco de acontecimentos dignos de fama, e perpetuarem a lembrança de pessoas notáveis, bem como a de certos monumentos e instituições, — eis para que servem as medalhas propriamente ditas, chamadas também por isso *commemorativas* ¹.

Com os documentos epigraphicos e as moedas, sobretudo as antigas ², formam pois preciosa fonte de informações historicas, ao mesmo tempo que, por serem obras de arte, fallam aos olhos e á sensibilidade d'aquelles que procuram nas cousas não tanto instruir-se, como deleitar-se.

Ou se queira rastrear a origem d'ellas já na antiguidade classica, ou, com o commum dos tratadistas, se faça ascender o seu uso proprio apenas ao sec. xv (Italia) ³ —, é longa a serie dos assuntos ahi eternizados.

Em Portugal, nação mingoada, e por vezes retardataria, o gôsto das medalhas começou no sec. xvii, e pôde dizer-se que só se generalizou no sec. xviii. As que existem, referentes á nossa terra, anteriores áquelle seculo, foram fabricadas lá fóra; se outras se fabricaram cá, ellas não se conhecem.

Medalhas da Guerra Peninsular ha umas tantas, que datam ou, como já notei, da epoca dos acontecimentos, ou de epocas seguintes, ainda que nem todas saíram de officinas portuguezas.

Peninsular, uma exposição litteraria e iconographica (vid. *Programma e Regulamento*, Lisboa 1909), e no Museu de Artilharia uma exposição de objectos historicos. No museu particular do Sr. Victorino Ribeiro, distincto pintor portuense, ha uma bella collecção de objectos historicos, gravuras, desenhos, livros, — tudo allusivo á Guerra Peninsular: cfr. *O Primeiro de Janeiro*, de 25 de Setembro de 1909. De medalhas e condecorações ha também varios colleccionadores, entre elles o Dr. Arthur Lamas, que já publicou a proposito uma memoria com o titulo de *Centenario de uma medalha da Guerra Peninsular*, — medalha-insignia do Batalhão Academico —, Lisboa 1908 (separata d-*O Arch. Port.*, vol. xiii), feita com o cuidado com que elle faz todos os seus trabalhos. Adiante cito outras collecções de medalhas, e a respectiva bibliographia.

¹ Vid. o Appendice, II.

² Vid. o Appendice, III.

³ Vid. sobre isto: F. Lenormant, *Monnaies et médailles*, 2.^a parte, cap. II (p. 241); Babelon, *Traité des monnaies gr. et rom.*, t. I, p. 652 sgs., e 689 sgs.; A. Michel, *Histoire de l'Art*, I, 905 [e recentemente F. Gnecchi na *Rivista ital. di Numismatica*, vol. xxiv, 1911, fasc. 1 e 2].

Vou aqui descrever as que possui o Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Pena é que o número d'ellas seja tão deminuto, apenas sete, e não corresponda pois á importancia do estabelecimento scientifico a que pertencem ¹.

a) Revolta do Porto em 1808.

1. Anv.—18 DE JUNHO 1808. EXPECTATA DIES ADERAT. Brasão de Portugal com coroa encimada de um dragão (da Casa de Bragança) como timbre,—posto sobre um trophéu (armas, bandeiras, tambores, uma peça de artilharia, balas). Numa fita que ampara pela parte inferior o brasão e o trophéu: DON JOÃO VI. PRINCIPE REGENTE RESTAURADO.

R.—ÁS ARMAS PATRIOTAS VERDADEIROS. No campo, em dez linhas: ÁS ARMAS || PORTUGUEZES!! VAMOS || LIBERTAR NOS DE HUNS || IMPIOS, RESTAURAR O NOSSO || PRINCIPE, CONSERVAR || A NOSSA RELIGIAO, || E OS NOSSOS ALTARES, || A CASTIDADE DE NOSSAS || MULHERES, E A LIBERDADE || DE NOSSA PATRIA. ||

Em cima duas estrellas, com dois pontos de cada lado. Em baixo dois ramos de louro e carvalho, enlaçados, e no exergo: VIVA PORTUGAL.

De estanho. Diametro 0^m,041. Na orla um orificio de suspensão, que damnifica um pouco as legendas.—Vid. fig. 1.

2. Anv.—18 DE JUNHO DE 1808 || EXPECTATA DIES ADERAT. Dois medalhões ovaes, o da direita do observador com o busto de D. João VI fardado e condecorado, o da esquerda com o brasão português. Entre elles, por cima, a coroa real. De cada lado um ramo, de carvalho o da esquerda, de louro o da direita. Por baixo: * DON JOÃO VI * || PRINCIPE REGENTE || RESTAURADO.

R.—O anverso da medalha antecedentemente descrita.

De estanho. Diametro 0^m,041. Na orla um orificio de suspensão, que damnifica um pouco as legendas.—Vid. fig. 2.

Em 6 de Junho de 1808 começou no Porto um movimento de protesto contra os Franceses. Para logo atabafado, recomeçou em 16, e mais se activou em 18. Em 19 organizou-se a *Junta provisional do supremo governo do reino*, presidida pelo bispo portugalense. O movimento propagou-se em breve a Portugal inteiro: em Trás-os-Montes, na Beira, no Sul, por toda a parte se organizou heroica resistencia, com o pensamento uno de res-

¹ As photographias que serviram para as photogravuras foram amavelmente feitas pelo Dr. Barros Castro.

tabelecer a independencia nacional á sombra do throno do príncipe regente D. João VI, que então estava fugido no Brasil com a rainha D. Maria I e o resto da familia real¹.—As duas medalhas acima descritas relacionam-se com esses acontecimentos, o que os letreiros declaram, e os typos symbolizam; eram trazidas pelo povo, á maneira de insignia, e como cartaz de guerra.—A expressão *expectata dies aderat*, «chegára o dia em cuja expectativa se estava», é de Vergilio, *Eneida*, v, 104.

BIBLIOGRAPHIA.—Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas* Lisboa 1861, p. 64, e est. 25; Alexandre Leitão, *Collecção numismatica*, Porto 1897, p. 24-25; M. J. Pereira, *Medalhas do Museu do Porto*, Porto 1898, p. 19-20; Arthur Lamas, *Catalogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo*, Lisboa 1907, p. 55-56; Pedro Dias, *Catalogo da collecção de Ferreira Carmo*, Porto 1877, p. 171.

b) Tomada de Cayenna, 1809.

3. ANV.—D : JOAM P(or) : G(rça) : D(ivina)² : PRINC(ipe) : RE GEN(te) : DE PORTUGAL &. Cabeça laureada e voltada para a esquerda do observador; sob o côrte do pescoço: PIDGEON F(ecit). No exergo: 1809.

R.—CAYENNA TOMADA A : OS FRANCEZES. No campo, entre dois ramos de louro: 11 · JAN(eiro) || 1809.

Reproducção de estanho. Diametro 0^m,025.—Vid. fig. 3.

A ilha de Cayenna, a que se allude na medalha, fica na Guiana Francesa (America do Sul), e foi conquistada por nós em 12 de Janeiro de 1809³. A expedição, commandada pelo tenente-coronel de artilharia Manoel Marques, compunha-se de tropas do Norte do Brasil, principalmente do Pará⁴, e foi determinada pela Côrte do Rio de Janeiro, em consequencia da luta em que estavamos com a França, e como revindicta das prepotencias commettidas pelos Franceses no continente português.—

¹ Vid. sobre o assunto Luz Soriano, *Hist. da Guerra Civil*, II-1, 247 sgs.

² Ou: por graça de Deus.

³ É esta a data que traz Luz Soriano, *Hist. da Guerra Civil*, II, 1, 587 (e vid. o doc. n.º 43-B, transcrito *ibid.*, II, v, parte 1, p. 270 sgs.).

⁴ Em 1815 tivemos de restituir Cayenna á França, depois da paz geral, e segundo o estipulado no acto final do Congresso de Viena de Austria: Luz Soriano, II, iv, parte II, p. 301-307 (e vid. doc. n.º 122, transcrito *ibid.*, II, v, parte II, p. 460 sgs.).

Por memoria citarei aqui o titulo de um raro folheto que se refere a este feito de armas, e que comprei na Livraria de Caldas Cordeiro em 1908 para a Biblioteca Nacional de Lisboa: *Á || tomada de Cayenna || pelas tropas do Pará || .. Ode || offerecida || ao || Principe Regente || .. por || seu author || José Eugenio de Aragão e Lima || .. Rio de Janeiro || 1810 || Na Impresão Regia || por ordem de S. A. R. || . Alem dos versos, o folheto consta tambem de notas.—Acêrca do gravador Pidgeon, vid. L. Forrer, *Biographical Dictionary of medallists*, IV, 530-532, onde se reproduz a medalha.*

BIBLIOGRAPHIA.—Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas*, p. 65-66, e est. 26 (este A. diz que «em Londres se cunhou uma medalha de prata para perpetuar esta nossa conquista»); A. Leitão, *Collecção*, p. 26; M. J. Pereira, *Medalhas do Museu do Porto*, p. 21; Pedro Dias, *Catalogo*, p. 172; Freitas Costa & Abbade de Tágilde, *Catalogo do Museu da Sociedade de «Martins Sarmento»*, Porto 1900, p. 57; T. de Aragão, *Catalogo da collecção do Visconde de Sanches de Baena*, p. 48; e o lugar citado do *Dictionary* de Forrer. Com Lopes Fernandes, tambem os restantes AA. mencionam exemplares de prata; a data differe da do nosso, pois é em todos «14 . Jan . 1809».

c) Lord Wellington, 1808-1814.

4. ANV.—HISPANIAM ET LVSITANIAM RESTITVIT WELLINGTON. Busto com farda, e coroadado de louro, voltado para a esquerda do observador.

℞.—VIMIERA ¹ AVG . 21 . 1808 . TALAVERA JULY . 28 . 1809 . ALMEIDA MAY 5 . 1811 + . No campo, dentro de um circulo: CUIDAD² || RODRIGO || JAN. 19 . 1812 || BADAJOZ || APRIL 2 . 1812 . || SALAMANCA || JULY 22 . 1812 . || &c. &c. &c. || .

Serrilhada obliquamente no bordo. De bronze. Diametro 0^m,028.—Vid. fig. 4.

5. ANV.—LIEUT.³ GEN.⁴ MARQUIS WELLINGTON. K.⁵ B.⁶ &c. &c.

Cabeça voltada para a esquerda do observador. Por baixo do córte ou secção do pescoço: T. WYON. F(ecit) || .

¹ = Vimeiro. Vid. o Appendice, IV.

² = Ciudad.

³ = Lieut(enant).

⁴ = Gen(eral).

⁵⁻⁶ = K(night) (of the) B(ath), porque Wellington era Cavalleiro da ordem do Banho,—instituição de Ricardo I.

B. — Parte inferior de uma columna monumental (meio fuste, pedestal e sóco). O sóco assenta num tropheu (peças de artilharia, lanças, a insignia napoleonica, etc.). No pedestal lê-se: VIMEIRA ¹ || TALAVERA || BVSACO ² || CIVDAD RODRIGO || BADAJOZ || SALAMANCA ||. O fuste está ornamentado com os escudos de Portugal e Hespanha postos entre duas palmas; sobre elles vêm-se dois festões que abraçam a columna, e abrangem um escudo com o brasão da bandeira inglesa, ou *old jack*. No exergo, á esquerda da linha média (letras quasi imperceptiveis): «P. W.», iniciaes do nome do gravador.

De estanho. Diametro 0^m,032. — Vid. fig. 5.

6. Anv. — LORD WELLINGTON. Busto fardado e condecorado, voltado para a direita do observador. Numa prega da farda (isto é, na *banda*) o nome do gravador: HALLIDAY.

B. — TALAVERA · BVSACO · ³ ASSYE · ⁴ VIMIERA · ⁵ Tropheu constituido pela insignia napoleonica, uma pelta, um capacete, uma lança e uma espada com correia de suspensão, tudo dentro de um espaço symetricamente fechado em baixo por dois ramos de louro, e em cima por uma fita que passa pela coroa da insignia napoleonica e em que se lê esta epigraphé: C RODRIGO · BADAJOZ ||; na parte inferior dos ramos ha outra fita e nella se lê ALMEIDA ||.

De bronze. Diametro 0^m,035. — Vid. fig. 6.

Para fallar do heroe cuja gloria se celebra nas medalhas n.ºs 4, 5 e 6, seria preciso resumir aqui a mór parte da historia da Guerra Peninsular; por isso contentar-me-hei com lembrar que Sir Arthur Wellesley, successivamente conde, marquês e duque de Wellington, lord de Inglaterra, nascido em 1769, e fallecido em 1852, veio em 1808 para Portugal, onde se estreou com o combate da Ròliça (17 de Agosto), ao qual logo se seguiu a batalha do Vimeiro (21 de Agosto) ⁶; havendo partido para Inglaterra depois da convenção de Sintra, voltou para a Peninsula em 1809, e só se retirou d'aqui definitivamente em

¹ = Vimeiro. Vid. o Appendice, IV.

² = Bussaco (isto é, *Buçaco*, que é a verdadeira maneira de escrever esta palavra). Vid. o Appendice, IV.

³ Vid. nota 2 (supra).

⁴ Assye ou Assaye, cidade do Indostão, onde Lord Wellington bateu os Marathas em 1803.

⁵ Vid. supra, nota 1.

⁶ Luz Soriano, *Hist. da Guerra Civil*, II, 1, 385 sgs. — E vid. adiante Appendice IV.

1814¹. — Apesar de na medalha n.º 4 se dizer «Almeida, 5 de Maio de 1811», devo notar que não houve nenhuma acção nesse dia ao pé de Almeida; o que houve, em 5 de Maio de 1811, foi a batalha de Fuentes de Oñoro, como já antes, em 3 de Maio, lá houvera um combate. Escolheu-se para a medalha, penso eu, a palavra *Almeida*, por corresponder a uma terra mais importante que Fuentes, e situada nessas paragens, embora cada povoação ficasse em seu reino. Em todo o caso a praça de Almeida foi bloqueada de 16 de Abril a 10 de Maio de 1811, e travou-se junto d'ella um combate em 11 de Maio; a data de 5 de Maio está pois comprehendida no indicado limite². Acêrca do Buçaco, vid. infra. — De Thomás Wyon (1792–1817), gravador que figura no anv. da medalha n.º 5, diz-se algo na *Encyclopædia Britannica*, xxiv, 713; de P. W(yon?), que figura no rev., nada pude averiguar. — A respeito do gravador da medalha n.º 6, Halliday (sec. xviii–xix), vid. o já citado L. Forrer, *Dictionary of medallists*, t. II, s. v. — O exemplar da Biblioteca Nacional foi adquirido por mim, ha annos, em Lisboa, no leilão do espolio de Fignière.

BIBLIOGRAPHIA. — Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas*, p. 67, e est. 26; A. Leitão, *Collecção*, p. 26 sgs.; M. J. Pereira, *Medalhas do Museu do Porto*, p. 22–23; A. Lamas, *Catalogo do Carmo*, p. 56, e *Portugal no «Cabinet des médailles»*, Lisboa 1909 (separata d. *O Arch. Port.*, vol. XIII), p. 23–24; Pedro Dias, *Catalogo*, p. 172; Freitas Costa & Abbade de Tágilde, *Catalogo*, p. 57; Aragão, *Catalogo da collecção do Visconde de Sanches de Baena*, p. 48.

d) Monumento do Buçaco, 1873.

7. Anv. — Vista de um obelisco em cujo vertice pousa uma estrella, e cuja base está num terreiro cercado de uma corrente presa em peças; no côrte do terreiro «L.». No exergo: ERIGIDO NO BUSSACO || 1873 ||.

R. — ◊ AO EXERCITO LUSO-BRITANNICO ◊ CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR. Bandeiras portuguesa e inglesa cruzadas e ligadas. Entre ellas, no campo, em cima, uma grinalda de ramos de louro com esta data: 1808 || A || 1814 ||.

Dois exemplares, um de bronze, outro de estanho. Diâmetro 0^m,059. — Vid. fig. 7.

¹ Vid. *Revista Militar*, iv (1852), 451, 490 e 520, e v (1853), 34 e 104.

² Luz Soriano, *Hist. da Guerra Civil*, II, III, 407–417.

Esta medalha commemora o monumento que se erigiu no Buçaco em 1873, destinado a perpetuar não só a lembrança da batalha ahi ganha em 1810 pelo exército luso-britannico ao exército francês, mas a da guerra peninsular em geral. Vid. sobre o assunto: *Guia historico do viajante no Bussaco*, de Simões de Castro, Coimbra 1896 (ha nova ed., 1908), p. 147 sgs., e o appendice; a medalha vem descrita a p. 149, nota.—O «L» que se vê gravado no anverso representa a inicial do appellido do delineador e gravador, Casimiro José de Lima: cf. Teixeira de Aragão, *Descripção das moedas de Portugal*, I, 91, onde, em nota, vem tambem descrita a medalha.—Visto que esta tem por fim representar o monumento do Buçaco, considerei anverso a face em que elle figura; Aragão considera anverso a outra face.

BIBLIOGRAPHIA.—M. J. Pereira, *Medalhas do Museu do Porto*, p. 68; Leitão, *Collecção*, p. 79; Lamas, *Catalogo do Museu do Carmo*, p. 58; Freitas Costa & Abbade de Tágilde, *Catalogo*, p. 65. Alem d'estes trabalhos especiaes, vid. os que citei supra, e tambem Pereira & Rodrigues, *Portugal*, dictionario historico, s. v. «Bussaco», onde a medalha se descreve, conformemente ao que se lê em Teixeira de Aragão.

*

Publicando esta breve noticia por occasião da celebração do 1.º centenario da Guerra Peninsular, não acode ao meu animo avivar feridas cicatrizadas (nem ella, pela sua exiguidade, as poderia avivar!): tão sòmente desejo que o Gabinete Numismatico fique representado na exposiçào bibliographica da Bibliotheca Nacional com o obolo que assim deito no gazophylaceo da nossa Medalhistica¹.

Ainda que, de uma parte, não se encontrará um só Português que não evoque indignado a lembrança do que foi aquella guerra, que talou os nossos campos, e encheu de luto e sangue as nossas aldeias, villas e cidades; e de outra parte, não póde contestar-se a um povo o direito que lhe pertence de chamar ao campo da Historia, e sandar como entender, as gerações de que provém: comtudo, como já ha muito se extinguiu nos valles do Vimeiro e da Rôliça, e nas cumiadas do Buçaco, o rebombo dos canhões napoleonicos, ninguem tambem em Portugal deixa hoje de olhar com affecto para a França moderna, d'onde lhe provém constantemente luz e calor espirituaes.

¹ Vid. o Appendice, V.

Appendice

I

Os Franceses numa lenda popular portuguesa. Lendas congeneres

Em varias partes da Beira conta-se que no tempo da guerra dos Franceses os nossos uma noite, reunindo rebanhos de cabras, puseram luzes nos galhos d'ellas,—o que levára o inimigo a cuidar que eram numerosos soldados que lhe iam ao encontro, pelo que-debandou immediatamente. Ouvi isto a um homem de Cambres (Lamego); e á mesma tradição me refiro nas *Tradições Populares de Portugal*, Porto 1882, p. 44.

Paralelamente aos Franceses figuram os Hespanhoes, pelo menos em duas narrações respectivas á Guerra da Restauração (1641–1668).

A primeira allude á batalha de Travanca (Alto-Minho), iniciada de 9 para 10 de Agosto de 1662, e que ficára indecisa. Copio-a do valioso livro intitulado *Paredes de Coura*, do Dr. Narciso C. Alves da Cunha, Porto 1909: «Na noute de 9 para 10 appareceram illuminadas, miraculosamente, as pontas do gado manadio que pascia no monte e que então costumava ser muito numeroso. O inimigo, observando o extranho caso, suppôs serem soldados portuguezes com luzes; e intimidado com *tamanho exercito*, bateu em retirada no dia 10, sempre acossado pelos nossos. Foi S. Lourenço, continúa a lenda, que, por esta fórma, quis assignalar o dia que a Igreja lhe consagra »(10 d'Agosto), manifestando-se a favor dos Portuguezes»¹.—Como o nosso povo, sobretudo no Norte e na Beira, é nimamente religioso, não podia, conforme se vê, deixar de admittir em cousas d'estas alguma influencia sobrenatural; e aqui escolheu S. Lourenço, por causa da connexão que estabeleceu entre o lume que aquêceu a grelha em que foi queimado o santo, e as chammas que se mostraram nos galhos do gado. Por motivo analogo se tem geralmente S. Lourenço como advogado dos incendios; e já os Romanos consideraram assim tambem Vulcano, por ser deus do fogo².

A segunda narração é posta assim por Camillo Castello Branco, com a maxima naturalidade, na boca de um dos personagens dos *Mysterios de Lisboa*: «Andavam as guerras do Sr. rei D. Pedro II »com o rei de Hespanha. Os perros dos Hespanhoes tinham entrado »por Chaves, e estavam ahi acampados no Val de Aguiar, d'aqui legoa

¹ Pag. 60.

² Comtudo na Beira diz-se que em dia de S. Lourenço arde sempre uma casa (*Ensaio Ethnographico*, III, 291). Antinomias do povo!

»e meia. Eu, quando o soube, estava-me cozendo cá por dentro, e disse
 »a meu pae, Deus lhe perdôe: —Vou fazer fugir aquelles diabos.—
 »Puseram-se a rir de mim, e vai eu que faço? Vou pelo povo, e por
 »outro que ahi está ao fundo da serra, que se chama Povia, e pedi
 »as lanternas de andar de noite á rega. Ao lusco-fusco, accendi-as,
 »e botei fóra a rês («rebanho de gado lanigero»). Pus-lhe, com sua
 »licença, nos galhos as lanternas, e disse ao pegureiro:—Anda lá p'ra
 »diante co'esse gado. Havia cá em casa um tambor de andar co'os
 »entremeses de entrudo, botei-o p'ró cachaço, e fui, fui, até avistar
 »o acampamento dos perros. Apenas cheguei ao altó, comecei a tocar
 »o tambor, e as cabras a descer com as lanternas, com sua licença,
 »nos galhos. Neste comenos, o inimigo tóca tambores e cornetas, que
 »parecia um inferno. E eu a descer pela montanha com a rês... Não
 »lhe digo nada... Os Hespanhoes não pararam senão em Chaves, e,
 »levaram taponas de criar bicho, porque foram encurralados na praça
 »pelas tropas que vinham lá de por ahi abaixo de Guimarães»¹.—
 Camillo, apesar de dizer em nota «é verdadeiro e notorio este facto»,
 falou aqui como romancista, e não como historiador, porque não só
 o rei D. Pedro II não foi entidade que, como tal, pudesse figurar numa
 lenda aldeã d'esta especie, mas tambem não se conhece no concelho
 de Chaves nenhuma povoação ou lugar com o nome de Val de Aguiar.
 Em todo o caso consta-me que no brasão dos antigos morgados da Tapa
 e Cidadelhe, cujo solar está no concelho de Villa Pouca de Aguiar,
 figuram dois chavelhos, que os descendentes d'aquelles fidalgos inter-
 pretam como allusão a um imaginario pastor seu antepassado, o qual
 não é senão o de que falla Camillo².

Outros applicam a mesma lenda aos Mouros, por exemplo no con-
 celho de Paredes³. No de Marco de Canaveses, onde perduram muitas
 ruinas de oppidos ou castros da epoca lusitana e lusitano-romana, a

¹ Liv. II, cap. XVI (a p. 244 da 5.^a ed., Lisboa 1878).—Devo a indicação d'este trecho á Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Angelica Furtado de Mendonça. Com quanto eu tivesse já lido o romance camilliano, isto foi ha muito, em epoca em que eu me não occupava ainda de Ethnographia, e não me lembrava agora do passo alludido.

² O meu antigo condiscipulo Dr. Arnaldo Torres, medico militar em Chaves, de quem recebi estas noticias, acrescenta que ainda hoje ali, bem como em Villa Pouca de Aguiar e no Porto, ha representantes da familia da Tapa e Cidadelhe.—Os chavelhos já se vê que tem outra origem. Os entendidos em Heraldica poderão dizer alguma cousa do assunto, pois eu por mim só conheço brasões com animaes corniferos (por ex.: cabras nos brasões dos Cabraes, dos Cabreiras, dos Cabritas e dos Rêsendes; touro ou meio touro nos dos Pimenteis e dos Tourinhos; borregos e carneiros nos das familias d'estes només); com simples galhos não conheço.

³ Vid. os meus *Ensaio Ethnographicos*, I, 19.

historieta localiza-se em um d'elles: as luzes consistiam em archotes atados aos galhos de cabras, e os Mouros fugiram igualmente cheios de pavor¹. Em Villar de Figos, concelho de Barcellos, diz o povo que os antigos tomaram aos Mouros o castello da Franqueira: «Tendo os christãos sitiado o castello, e defendendo-se elle obstinadamente, os habitantes d'esta parochia juntaram certa noite um grande rebanho de cabras, penduraram-lhes nas pontas velas accesas, e tomando o caminho de Barcellos, marcharam com grande alarido sobre o castello, o que animou os sitiantes e determinou os sitiados a renderem-se, imaginando que de Barcellos haviam chegado ao acampamento dos christãos grandes reforços»².

A crença christã que se nos patenteia na narrativa de Coura, patenteia-se-nos noutras dos Interamnenses, como é natural. Abra-se o opusculo do P.^o Ferreira Caldas, que tem por titulo *Local e gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na serra de Santa Catharina, cercanias de Guimarães*, Guimarães 1873, e ahi se lerá o que vou transcrever: «Alguns passos ao sul da capella ha um grupo de penedos, e a um d'elles, escavado no centro em fórma de pia irregular, e com buraco numa das paredes, que olha para o poente, chamam aquellos povos³ a *Cama de Santa Catharina*, e é nelle que fundam a seguinte tradição:— Em tempos que já vão longe, contam elles, que a Santa Virgem⁴ pastoreava por aquelles desertos numerosos rebanhos. De dia reclinada á sombra d'aquellas rochas, de noite deitada no seu tosco leito de granito, era atalaya vigilante dos povos christãos contra a *Mourama*, que nessas epocas assolava as nossas terras. Uma noite viu ella que uma numerosa legião de Mouros, illuminada por fachos ardentes, descia raivosa sobre Guimarães, como descem os abutres sobre a presa incauta. As horas eram mortas, e as victimas dormiam a sonno solto.— Como preparar uma defesa? Catharina, que era a protectora dos christãos, lembra-se de um plano engenhoso, e com elle esta mulher sòzinha salva os seus protegidos! Ata velas accesas nas pontas das suas cabras, e dirigindo-as com o seu bordão, obriga-as a descer a montanha quasi em fórma. Então os Mouros, já perto das portas de Guimarães, divisando na encosta tão grande numero de luzes, supoem um grande exercito inimigo, e tomados de susto ferem-se e despedaçam-se em retirada vertiginosa, deixando os christãos nas delicias do repouso!— Tal é a fabulosa lenda, que ainda hoje embala o espirito d'aquelles camponeses»⁵!

¹ Informação do Sr. Dr. João de Vasconcellos.

² Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, xi, 1210.—Esta informação foi o Sr. Dr. F. X. de Athaide Oliveira quem m'a ministrou.

³ [Isto é, os povos d'aquellas cercanias].

⁴ [Isto é, Santa Catharina].

⁵ *Op. cit.*, pp. 19-20.—Ao meu amigo Abilio Brandão agradeço o ter-me dado noticia d'esta lenda.

Sem especificação de Mouros, mas certamente com o pensamento nelles, narrou-me isto um homem de Baião, conforme ao que elle tinha ouvido a vellos: S. Torquato¹ andava em guerra, e o inimigo matou-lhe muita gente; mas por milagre de Deus, appareceram-lhe muitos cabritos com archotes accesos e atados nos galhos, e o inimigo, cuidando que eram tropas do santo, fugiu, e S. Torquato venceu.

Em Mello, concelho de Gouveia, como me contou um aldeão de lá, os Christãos queriam correr com os Mouros para fora da villa. Não sabiam o que haviam de fazer. Lembraram-se então de pôr de noite em cada chavelho de sua cabra uma vela accesa, e tiraram o gado do curral. Os Mouros, assim que viram tanta luz, entraram a ter medo, porque cuidavam que eram soldados inimigos, e abalaram.

Tambem já ouvi attribuir o feito á epoca dos Romanos², por influencia litteraria, pois que o nosso povo não conserva no seu thesouro tradicional a palavra «Romanos». Segundo essa versão, a scena passar-se-hia na Cava, e o autor do estratagemma seria nada menos que Viriato, heroe antigo, que não só não temos razão nenhuma historica para dizermos que era beirão, mas cujo nome desapareceu tambem por completo da memoria do vulgo, apesar do que affirmam muitas pessoas demasiado crentes em contos, e ao mesmo tempo esquécidas das leis psychologicas que regulam a formação e diffusão das tradições populares³. Por ser bastante curiosa, reproduzo na integra a informação que em 1881 me deu por escrito o Sr. José Correia da Silva (Viseu): «Dos monumentos antigos que ha na cidade de Viseu o mais notavel é a Cava do Viriato. Conta-se que no seu tempo os Romanos entraram em Viseu e fizeram aquelle acampamento: levantaram um monte de terra redondo: pela frente batia com a cidade, e por detrás pegava com umas lajes de pedra, as quaes batiam com duas povoações chamadas, uma *Sculca*⁴ e outra *S. Tiago*, cujos⁵ habitantes eram quasi todos pastores de cabras e vendedores de leite: e para isso tinham, e tem, grandes rebanhos de cabras, carneiros, ovelhas e cordeiros. Viriato, como não podia pôr fora os Romanos, porque não tinha gente bastante para isso, usou de um outro meio: foi ás duas povoações e disse-lhe(s) o que queria, que era isto: em uma noite muito escura deviam juntar todos os rebanhos e pôr em cada chavelho um lampeão

¹ A pronúncia popular é *S. Tocatre*.

² Vid. *Tradições populares de Portugal*, p. 44.

³ Vid. *Poesia amorosa do povo português*, Lisboa 1890, p. 77 sgs., e *Religiões da Lusitania*, III, 116-125, e 156-157; cfr. tambem Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, 27 sgs., e 62 sgs.

⁴ [*«Eschulca»*].

⁵ [No texto está «os quaes»].

»acceso, e todos os pastores tocando em buzinas que para isso lhe(s) deu. Assim fizeram na dita noite, e o mesmo fizeram os soldados de »Viriato, os quaes se puseram á unica porta que havia do lado da cidade para serviço do acampamento. Os Romanos, que não sabiam nada »do que se passava, quando ouviram o toque das buzinas e viram as »luzes pela lage fora, começaram a dizer que era o poder de Deus que »vinha a expulsá-los d'ali para fóra, e começaram a fugir para a porta; »mas Viriato começou a matar nelles, que não deixaram ¹ nenhum, e ficaram com tudo o que estava no acampamento, que ainda hoje dura» ².

*

Ha, em verdade, exemplos de os animaes ajudarem aos homens na guerra: lembrarei, no que toca a tempos antigos, os elephantes, de que se serviram Orientaes, Gregos, Africanos, e Romanos ³, estes ultimos até contra o bravo capitão dos Lusitanos, antes citado ⁴; e no que toca a tempos modernos o que succedeu na Ilha Terceira, na guerra contra os Felipes: os Portugueses, para, em certo apuro, se defenderem dos Castelhanos, trouxeram para o campo muito gado vaccum, e espantaram-no sobre o inimigo com aguilhões e fogo de arcabuzes, do que resultou a derrota d'elles ⁵. Por outro lado não faltam bem assim noticias de estratagemas organizados com o auxilio do lume ⁶. Todavia não padece duvida que a narrativa do nosso povo, tal como acima a apresentei, e de mais a mais com multiplas applicações, pertence á classe das lendas ⁷. E nem sequer é lenda original: encontra-se noutros paises, e ascende mesmo á antiguidade classica.

¹ [Na mente do narrador estava «Viriato e os seus», por isso usou o plural].

² Eu proprio ouvi em Viseu allusões á mesma lenda de Viriato.

³ *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «elephas», p. 537 sgs.

⁴ Appiano, *Iber.*, cap. 67.

⁵ *Annaes da Ilha Terceira*, I (1850), 223-224.—Foi o Sr. Annibal Fernandes Thomás que me chamou a attenção para este passo.

⁶ Garibaldi, antes do dia 27 de Maio de 1860, para fazer crer aos soldados borbonicos e ao governo que possuia tropas numerosos, embora ellas fossem pouquissimas, mandou correr pelas montanhas, de tarde e de noite, alguns dos seus voluntarios com fachos accesos (De uma carta que o Dr. G. Pitri me escreveu).

⁷ Ás vezes, parallelamente a factos como o que mencionei na nota anterior, e como o da Ilha Terceira, ha outros que são tambem lendarios, por exemplo:

Perto do logarejo dos Geraldos, concelho de Castro Verde, ergue-se o monte de S. Pedro das Cabeças, onde é tradição que foi a batalha do *Campo de Ourique*, e d'onde se avista o monte da Altura das Cachaçadas. Em 1897 andei por esses sitios, e ouvi contar que o rei portuguez ordenára que cada um dos seus soldados accendesse na Altura das Cachaçadas sete fogueiras: assim enganou os Mouros, levando-os a crer que dispunha de muitos combatentes.—Este conto em parte

Por informações epistolares que recebi dos illustres folkloristas, italianos os Srs. Giuseppe Pitrè (já citado numa nota antecedente), Stanislao Prato, e Molinaro Dal Chiaro, sei que a lenda corre na Italia propria (Apulia, Romanha, Marcas, Emilia, Umbria, Lombardia, etc.) e na Sicilia.

Tambem corre na França:

a) «L'antique cité de Valcabrière (*Vallis Capraria*) fut prise par une ruse de guerre: . . l'ennemi se procura un grand troupeau de chèvres, leur attacha des flambeaux aux cornes et les lâcha sur une des portes. Les habitants s'y portèrent en foule, laissant dépourvu de garnison un autre point, des remparts qui livra entrée aux assaillants»¹.

b) «On raconte aux environs d'Alise Sainte-Reine, que pour s'emparer de la ville du Mont Auxois, César rassembla tous les bœufs qu'il put trouver dans le Morvan, leur fit, la nuit, attacher à chaque corne une chandelle allumée, puis les poussa du côté de la ville: les Gaulois effrayés de ce spectacle étrange et nouveau, se rendirent»². — Como observa com razão o Sr. Paul Sébillot, a intervenção de Cesar nesta lenda moderna é devida certamente ás excavações archeologicas que se tem feito em Alise, onde muitos supõem que foi Alesia, cidade tomada por Julio Cesar aos Gallos, commandados por Vercingétorix³. É isso comparavel ao que entre nós se passa com Viriato.

c) «Un stratagème analogue contribua à la levée d'un siège: Certains soldats qui gardaient le Chateau du Marquis de Molaust en Quercy, pendant les guerres de la Ligue voyans leur place bloquée. . . empescherent de boire leurs vaches l'espace de trois jours, après lesquels ils leur attachèrent aux cornes des flambeaux ardans: ils les lascherent ensuite sur la minuit, du costé où les ennemis s'estoient campez proche de la fontaine, ou le bestail alloit boire avant le siège. Les bestes y courans à bons et à saults, espouvanterent tellement les assiegeans, sur la creance que ce fussent des Diables, que quittans leurs retranchemens, ils furent battus des assiegez et obligez à la retraite»⁴.

é de origem litteraria, em parte tem elementos populares, por exemplo o numero «sete».

Na *Biblia*, «Juizes», xv, 1-5, narra-se que Samsão, o qual tinha por vezes furias de braveza, resolvêra em uma d'ellas vingar-se de seus inimigos, incendiando-lhes campos, vinhas e olivedos, com trezentas raposas a enjas caudas, unidas duas a duas, ligára fachos accesos. — Cfr. Sulpicio Severo, *Chronica*, I, 27.

¹ Fiancette d'Agos, *Études sur la Basilique de Saint-Just et les antiquités de Valcabrière*, 1857, p. 66, apud E. Rolland, *Faune populaire de la France*, t. v, p. 204-205.

² *Revue des trad. pop.*, t. ix, p. 78.

³ *Folk-lore de France*, iv, 311.

⁴ P. Sébillot, *Folk-lore de France*, iv, 311.

É provavel que a lenda exista noutros paises, principalmente no vizinho reino; no entanto as informações que a tal respeito pedi aos Srs. Menéndez Pidal (Hespanha), J. Bolte (Allemanha), e Hoffmann-Krayer (Suíça), todos elles bem conhecidos por seus trabalhos neste genero, foram negativas.

Depois de vermos a lenda na actualidade, voltemo-nos para o passado.

A ninguém que possua uns conhecimentos de historia romana escapará que ha um episodio analogo a ella nos factos de Hannibal (segunda Guerra Punica, sec. III a. C). Conta Polybio que quando o grande general carthaginês andava em luta na Italia com Quinto Fabio Cunctator, aquelle se vira encurralado por este em lugares de difficil saida, e que por isso imaginára o estratagema seguinte: mandou fazer á pressa o maior número possivel de archotes de varias especies de lenha sêca, e juntar diante do acampamento cêrca de dois mil bois, dos mais fortes, e habituados á canga, escolhidos de entre toda a sua prêsa; a horas convenientes, alta noite, deu ordem para que se accendessem os archotes, e os bois fossem tangidos pelos lanceiros para as cumeadas da montanha. Entretanto Hannibal, collocando na frente os soldados que levavam armas pesadas, depois d'estes os cavalleiros, em seguida a prêsa, e por fim os Iberos e os Celtas (tropas auxiliares), dirigiu-se para uma portella, a fim de escapar. As centinellas romanas, julgando, ao verem tantas luzes, que Hannibal lhes ia ao encontro, accorreram ás alturas; acercando-se porém dos bois, ficaram embaraçadas acêrca do que seriam as luzes, e pensando que haveria perigo maior do que o que realmente havia. Fabio, por um lado sem saber o que faria, e por outro presumindo cilada, deixou-se estar tranquillo no acampamento, e esperou o dia. Isto facilitou a retirada dos Carthagineses ¹. — O mesmo, pouco mais ou menos, se lê noutros autores: em Tito Livio, *Ab Urbe condita*, XXII, 17, em Plutarcho, *Vida de Fabio*, cap. VI, em Frontino, *Stratagematicon*, I, v, 28; e com ampliações poeticas, em Silio Italico, *Punica*, VII, 311-376, o qual, referindo-se aos animaes, ora diz *boves*, ora *iuvenci*, ora *armenta*. Cornelio Nepote, *Vida de Hannibal*, cap. V, ou sêgue uma versão um pouco differente da de Polybio, ou a condensa muito, pois escreve que Hannibal accendeu de noite ramos de vides atados aos galhos de novilhos, e espalhou depois o gado, infundindo com isto tamanho terror no exercito romano, que ninguém ousou sair para fóra da estacada. — Tambem Quintiliano allude ao caso na *Institutio oratoria*, cap. XVII.

¹ Polybio, *Hist.*, III, 92-94, ed. de Didot.

Não param aqui os paralelos. Os habitantes de Hyperesia, na Achaia, diz Pausanias, como julgassem não se poder medir com os Sicyonios, seus adversarios, juntaram cabras, quantas tinham á disposição na sua terra. Reunindo-as, ataram fachos aos galhos d'ellas, e quando era noite velha, accenderam os fachos. Os Sicyonios, por pensarem que vinham tropas auxiliar os Hyperesienses, e que a chamma provinha do lume que essas tropas accendiam, voltaram para a patria, e trocaram á cidade o nome de *Hyperesia* pelo de *Egira*, isto é, Αἴγαρα, deduzido do das cabras, visto que «cabra» em grego é αἴξ, genetivo αἰγῆς¹. — Na sua traducção (inglesa) de Pausanias, põe Frazer uma nota a este lugar, na qual se refere á connexão que Farnell estabelece entre a lenda relatada pelo geographo e o costume que os Gregos tinham de atar tochas aos galhos das cabras, no culto de Artemis, e as fazer percorrer os campos, com o fim de, por magia sympathica, se despertar o calor fecundo da terra, á maneira do que na moderna Europa se pratica, segundo o que vem em Mannhardt, *Wald- u. Feldkulte*, I, 497, sgs.²

Mesmo que o estratagema de Hannibal não estivesse revestido de circumstancias extraordinarias, bastava esta diffusão do conto para mostrar que nenhum credito historico merece tal estratagema; é pois fundadamente que Carrion-Nisas o alcunha de «patranha» (*vieille sornette*)³. Sem embargo, ainda hoje na Italia (Apulia), como me informa em carta o Sr. Dr. Stanislao Prato, *i pastori, affine di preservare il greggie dall'assalto dei lupi la notte sogliono legare faci ardenti alle corna di montoni; di questo mezzo anche si valgono come di valida protezione dal mal d'occhio, o fascino contro il greggie*: esta superstição é quasi identica á cerimonia que acima citei do culto de Artemis, deusa da caça e dos bosques. O que por uma parte se perpetúa em fórma de lenda, que regala a imaginação e lisonjeia o patriotismo, perpetúa-se por outra parte como alimento de vida religiosa; assim se explica que a historieta, de que me occupo, tenha existencia tão longa e tão dilatada, no tempo e no espaço.

Não creio que a lenda moderna seja de origem literaria, quanto me pareça muito provavel que na Italia se revivifique constantemente por influencia da leitura escolar dos autores gregos e romanos que tratam d'ella, e porque o que estes contam dos Carthagineses se refere ao proprio solo italiano. Ella, nas versões portuguezas, apresenta

¹ *Descripção da Grecia*, «Achaia», cap. 26.

² Pausanias's *Description of Greece*, IV (1898), 178.

³ *Essai sur l'histoire générale de l'art militaire*, Paris 1823, t. I, p. 241-242.

mesmo analogia um pouco maior com as dos Hyperesienses, do que com a de Hannibal, quer no effeito que as luzes produzem (aspecto de tropas de reforço, em vez de annúncio de cilada), quer na qualidade do gado (cabras da região, em vez de bois de prêsa militar). Além d'isso, do mesmo modo que na Achaia connexionam o nome de Egira com «cabra», também em França connexionam Valcabrière: havemos de entender que foram os nomes das povoações que deram motivo a que as fábulas se localisassem.

É curioso que, vogando hoje a lenda na Italia, na França, e na Peninsula Iberica, appareçam precisamente Celtas e Iberos no que Polybio diz dos feitos italianos de Hannibal, d'onde algum se arriscaria a suppor sem difficuldade que os mesmos feitos eram verdadeiros, e que aos soldados se deve a noticia d'elles, espalhada nas respectivas terras. Ao que já fica ponderado acêrca da inverosimilhança historica da narração antiga, acresce que uma lenda de raizes tão numerosas e tão fundas não se originava em um mero conto de caserna; torna-se necessario admittir contacto demorado de povos,—como aconteceu, por exemplo, depois que os Romanos conquistaram a Gallia e a Iberia. E de facto é á civilização romana que attribuo a origem da lenda portuguesa, vinda de boca em boca, desde o passado até hoje. Posto que falem intermedios medievaes, ninguem negará a vetustez d'ella, ao vê-la corrente no vulgacho montesinho da Beira e do Norte. As versões italiana, francesa, portuguesa; a redacção hellenico-latina da façanha hannibalesca; o romance dos Hyperesienses e Sicyonios: tudo, no meu entender, nasceu de fonte commum, sem que uma das narrativas procedesse directamente de qualquer das outras.

Nos Romanos não seria unica a versão que os livros nos transmittiram: a lenda andava nos labios do povo, de certo com multiplas fórmas, e uma d'ellas applicou-se a Hannibal, á semelhança do que entre nós se observa com S. Torquato, S. Lourenço, e os Mouros, na Achaia com Egira, em França com Valcabrière; a uma ventou a fortuna litteraria, por causa do nome dourado que se lhe ligava, mas a tradição oral dos Romanos manteve outras que com a conquista voaram por longe. D'este modo se comprehende que, apesar de ser a nossa, como disse, mais parecida com a de Pausanias do que com a dos historiadores da segunda Guerra Punica, a herdassemos do povo-rei. Se as parecenças forem porém simplesmente fortuitas, e apenas motivadas por circumstancias que na vida das lendas se notam com frequencia, nem por isso nos assiste menor direito de attribuirmos a origem da nossa lenda a uma versão oral romana, igual á que conhecemos pela litteratura classica: em tal caso essa versão alterou-se até tomar a forma actual.

Em vista de se descobrirem na tradição dos povos modernos tantos representantes de contos antigos, como o do rei Midas, de Rampsinite, da Bicha de sete cabeças, de *Jean de l'Ours*, de Amor & Psyche, etc.¹, que admira que se conservasse mais um?

Comtudo, fosse qual fosse a origem e a maneira da transmissão, a presente multiforme anedota coopera para o conhecimento da psychologia do povo, que, fiel repositório de contos que lhe despertam a curiosidade, os adapta a diversas circumstancias, conforme os sentimentos que o agitam,—ora Viriato e os Romanos, acordados de seus sarcophagos por sabedores de antiguidades, ora os Mouros, pela sua magia secular, ora os Hespanhoes, por influencia raiana, ora finalmente os Franceses, por causa da lembrança que até hoje chegou do terror causado nos nossos avoengos por Junot e seus successores.

RESUMO. *A lenda portuguesa, é, como penso, de origem popular romana, ou viesse para a Lusitania directamente de uma versão diversa da que a litteratura classica nos transmittiu, ou viesse de uma versão igual, mas que no decurso dos tempos se modificasse até tomar a fôrma que tem hoje.*

II

Classificação medalhística

(Com relação principalmente a Portugal)

O estudo das medalhas costuma entrar no da Numismatica; mas modernamente procura-se constituir com elle uma disciplina especial, a que se dá o nome de *Medalhística*,—palavra formada á semelhança de *Estilística* e de outras.

As medalhas podem ser:

- I) *commemorativas* de factos, pessoas, monumentos, e instituições, isto é, medalhas propriamente ditas, como fica dito no texto;
- II) *de galardão*, que comprehendem as de:
 - 1) premio de character militar, ou *condecorações*: medalhas de campanhas, de vida exemplar, de diuturnidade de serviços, etc.;
 - 2) premio de character civil, particular, e religioso: medalhas de exposições, de actos meritorios, de es-

¹ Vid.: F. Adolfo Coelho, nO *Positivismo*, I, 74-83; Stanislaio Prato, *La legenda del tesoro di Rampsinite*, Como 1882; J. Bédier, *Les Fabliaux*, Paris 1895, p. 108 sgs.; H. Gaidoz, in *Mélusine*, III, 395; Bonilla y San Martin, *El mito de Psyquis*, Barcelona 1908.

colas, de concursos, de trabalhos agrarios ou industriaes, etc.

III) de devoção:

- 1) quer religiosa (veronicas, medalhas de romarias, de peregrinações, de santuarios);
- 2) quer politica (por exemplo a *vera effigie* de D. Miguel);

IV) *insignias* (de sociedades, de congressos, de sessões, de collegios, de companhias, de estabelecimentos, de regimentos, de instituições, de ordens militares e civis, de ordens monasticas).

V) de caracter vario ¹.

Às vezes uma medalha pertence a mais de uma classe: assim, ha medalhas que são commemorativas de congressos, e ao mesmo tempo servem de insignias dos congressistas; o rei D. Carlos, por ocasião das visitas officiaes ás côrtes estrangeiras, brindava com medalhas commemorativas da sua aclamação os criados e outras pessoas de modesta categoria que o serviam²; a visita do presidente Loubet a Lisboa em 1905 deu causa á cunhagem de medalhas que tem significação historica, e juntamente manifestam devoção politica, havendo sido por este ultimo motivo trazidas ao peito pelos entusiastas das ideias republicanas; o mesmo se pôde dizer de certas medalhas do centenario de Santo Antonio e das peregrinações religiosas; o gran-cruz, cavalleiro, etc., de uma ordem militar, que usa as respectivas insignias, fá-lo como o guerreiro que ostenta uma medalha de galardão.

III

Caracter historico das medalhas antigas e de algumas modernas

As moedas lydio-gregas (sec. VII-VI a. C.), d'onde, por transformação lenta, mas ininterrupta, provém as dos povos civilizados da actualidade, eram muito simples³.

Com o andar dos tempos, e o progresso das artes, ellas aperfeiçoaram-se muito. Quer nos Gregos, do sec. V a. C. em diante, quer

¹A palavra *medalha* tem na nossa lingua corrente todas as significações indicadas acima, e alem d'isso a de «moeda antiga: diz-se, por exemplo, *Gabinete das medalhas* (Bibliotheca Nacional de Lisboa).

²Vid. A. Lamas, *Medalha de D. Carlos I*, Lisboa 1907,—separata d'*O Arch. Port.*, vol. XII.

³Dizendo *moedas lydio-gregas*, refiro-me ás moedas classicas, isto é, àquellas que mais se parecem com as moedas usuaes. Antes, e muito antes, do sec. VII,

nos Romanos, no tempo da república e no do imperio, as moedas, como a litteratura, espelham bastante fielmente a vida nacional: as lendas mythicas e religiosas, as expedições, as conquistas, os feitos historicos, as ideias e as aspirações dos povos; se são moedas, em sentido economico, são tambem medalhas, no sentido em que hoje tomamos estas.

Já as moedas byzantinas, as medievaes e as modernas não apresentam tanta variedade de cunhos, e não despertam por isso a mesma curiosidade que as antigas: tudo se reduz nellas geralmente a fórmulas officiaes de soberania governativa, e quando muito affirmam, mas de modo succinto, ideias religiosas inherentes naquella, ou expõem emblemas fallantes. Só por excepção alludem a actos contemporaneos d'ellas, como no sec. XIV, para só fallar de Portugal, alguns bolhões de D. Fernando¹, no sec. XV o *espadim* de D. Affonso V², no sec. XVI o *sanvicente* e o *meio-sanvicente* de D. João III³, e principalmente no sec. XVIII a *conceição*⁴, e no XIX a *coroa* (com sub-divisões), commemorativa do centenario da India, a qual ainda corre; os tres primeiros exemplos são pouco explicitos, e não estavam muito ao alcance do entendimento do público, tornando-se necessaria a aclaração dos chronistas para que hoje os comprehendamos; os dois ultimos pertencem porém a uma classe bem definida de moedas-medalhas, ou, se se prefere a expressão, de medalhas monetarias.

IV

As palavras «Ròliça», «Vimeiro», e «Buçaco»

1. RÒLIÇA.

Ròliça designa um lugarejo no concelho de Obidos, nas immedições do qual⁵ Wellesley bateu os Franceses, em 17 de Agosto de 1808. Como se escreve *Roliça*, as pessoas de longe pronunciam naturalmente

já na Grecia e nas ilhas do Mediterraneo serviam de instrumentos ou padrões de troca objectos metallicos de fôrmas variadas, — machados, talentos ou balanças, espetos ou obeliscos, bolos, etc. (e alguns até com pêso fixo) —, aos quaes podemos sem impropriedade chamar *moedas*. Cf. Svoronos, Lições de Numismatica, publicadas na *Revue belge de Numismatique*, tt. LXIV e LXV.

¹ Fernão Lopez, *Chronica de D. João I*, parte 1, c. 50.

² Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, disc. IV, § 29.

³ Severim, *op. cit.*, disc. IV, § 32.

⁴ Severim, *op. cit.*, disc. IV, § 43.

⁵ Propriamente nos altos da Columbeira. Acêrca de um monumento que ahi está em memoria de G. A. F. Lake, morto no combate, vid. *O Arch. Port.*, VIII, 306 sgs.

Ruliça; mas a pronúncia local é *Ròliça*, e por isso deve escrever-se a palavra com ò.

Em varios documentos que, com o concurso de meu primo Jaime Leite, obtive no concelho de Obidos, e hoje pertencem ao Museu Ethnológico, e em outros da Torre do Tombo, que me foram indicados pelo Sr. Pedro de Azevedo, acha-se escrita esta palavra da seguinte maneira ¹:

- 1335: na *Roiariça* (ME, doc. n.º 37);
 1351: *Royariça* (TT, collegiada de S. Pedro e S. Tiago de Obidos, maço 1, n.º 8);
 1352: na *Roiariça*, na *aldeia da Royariça*, da *Roiariça* (ME, doc. n.º 67);
 1355: *Roiariça* (ME, doc. n.º 75);
 1397: *aldeia da Royariça* (TT, maço 3 de Santa Maria de Obidos);
 1454: na *aldeia da Royryça* (TT, collegiada citada, maço 2, n.º 66);
 1511: a *Rooriça*, *lugar da Rooriça* (TT, n.º 269 da Ordem de S. Tiago, fl. 12);
 1527: «aldeia da *Rouriça* tem xxiiij moradores, com Diogo de Melo, de Castello Branco, que está na sua quintã da Tirintana» (TT, Livro do Censo da Extremadura de 1527, fl. 35 v, em publicação no *Archivo Historico Português*);
 1558: *Rorisa* (TT, n.º 269 da Ordem de S. Tiago);
 sec. XVIII: *Roliça* (vid. *O Arch. Port.*, VII, 32).

Ha além d'isso *rroriça* nas costas dos doc. de 1335, 1352 e 1355, mas em letra mais moderna do que a d'elles; nas costas do doc. de 1335 lê-se tambem *rouriça*, igualmente com letra mais recente.

Resumindo o que fica dito, achamos: *Roiariça* = *Royariça* no sec. XIV; *Royriça* no sec. XV; *Rooriça*, *Rouriça* e *Rorisa* (o que tudo corresponde a *Ròriça*) no sec. XVI; *Roliça*, que devia soar *Ròliça*, no sec. XVIII. A pronúncia moderna é, como já notei, *Ròliça*. Tanto nos documentos citados, como na lingoagem actual, a palavra vem precedida do artigo; isto mostra que não ha muito tempo que ella era ainda tida por substantivo commum ou appellativo.

O etymo poderá ser uma palavra derivada do lat. *robur* «roble» ou «robre», com o suffixo *-icia*, que deu *-iça* em português, isto é: **Roboricia*, d'onde **Rovorica*. Temos parallelamente *Cojos de Robliza* em Hespanha (Salamanca), palavra manifestamente relacionada com *roble*. O mesmo suffixo *-iça*, quer nessa fôrma, quer na masculina, appa-

¹ Denoto por ME o Museu, e por TT a Torre.

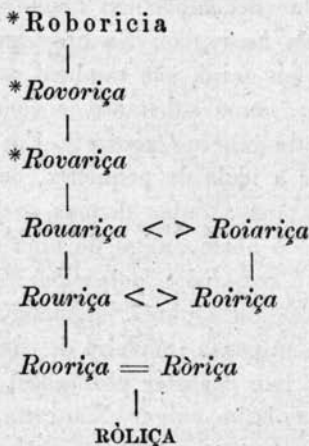
rece noutros vocabulos analogos, como: *Carvalhiça* (Beira), *Carvalhiças* (ibid.), *Carvalhiços* (Minho), *Canico* (Extremadura), *Canicos* (ibid.). Não muito longe da *Rôliça* ha mesmo um sitio chamado *Canicos* (de canna), e no concelho de Obidos uns casaes com o nome de *Lourical*, palavra que se decompõe em *Lour-iç-al*: tudo isto mostra que o suffixo teve voga na região. Na lingoagem, quer de Obidos, quer da Extremadura em geral, são tambem correntes os vocabulos *ramalhiça* e *carvalhiça*, como substantivos communs (designa cada um d'elles um arbusto do genero *Quercus*¹). Em todas estas palavras o suffixo parece conter a ideia de pequenez, ou pelo menos attenua a significação das palavras a cujos themas se junta.—No meu entender, **roboricia* é o nome antigo de uma das plantas que hoje se chamam *carvalhiça* e *ramalhiça*, pois *robur*, se em latim, como já disse, significava «roble» ou «robre», significava tambem na poesia «carvalho em geral», e na prosa «madeira de carvalho». Os vocabulos *carvalhiça* e *ramalhiça* tem character portuguez, e por isso moderno; **roboricia* ascende ao latim vulgar. Não raro no correr dos tempos se substituem certos nomes por outros.

Confesso que a etymologia que proponho, poderá apresentar difficuldades a alguém; mas esforçar-me-hei por as remover. A mudança do -B- em -v- é normal: cfr. *deberē* > *dever*. De **Rovoriça* passar-se-hia para **Rovariça*, ou por intermedio de **Roveriça*, ou logo directamente. **Rovariça*, com vocalização do *v*², dava **Rouariça* <> *Roiariça* (pela correspondencia de *ou* a *oi*), que é, como vimos, a fórma usada no sec. XIV. *Rouariça* e *Roiariça*, que, na minha hypothese, coexistiam, como hoje coexistem *noute* e *noite*, simplificaram-se respectivamente em *Roiriça* = *Royriça* (sec. XV), e *Rouriça* (sec. XVI). O povo mudava sem esforço *Rouriça* em *Rooriça* = *Rôriça* (sec. XVI), como hoje muda, no proprio concelho de Obidos, *Louridos* em *Lôridos*, pois é uma regra da phonetica local que *ou* atono se transforma em *ô*: além do que fica citado, temos: *Atôguia* por *Atouguia*, *chôriço* por *chouriço*, *desôgar* por *desougar* (*desaugar*, *desagoar*), *lôvado* por *louvado*, *Lôreiro* (a par de *Lôreiro*, appellido) por *Loureiro*, *Lôrenço* por *Lourenço*, *Lôrinhe*

¹ A *ramalhiça*, que se dá nos matos e charnecas, é a *Quercus humilis*, «carvalhiça» ou «carvalho anão» dos botanicos (Pereira Coutinho, *Silvicultura*, II, 75). A *carvalhiça* obidense é uma das fórmas da *Quercus Lusitanica* (classificação do Sr. Pereira Coutinho, a quem consulte).

² Outro exemplo de vocalização, mas em condições um pouco differentes, temo-lo em *Couna* < Equábona. A fórma *Couna* (hoje *Coína*) lê-se, por exemplo, em um doc. do sec. XVI publicado no *Archivo Hist. Port.*, IV, 354.

por *Lourinhã*, *ròbar* por *roubar*, etc. A passagem de *Ròriça* para *Ròliça* é o que ha mais corrente, por causa de *r-r* dissimilados em *r-l*, como em *refractorio* > pop. *reflâtario*, e *recruta* > pop. *recluta*. Um quadro mostrará melhor esta serie de transformações:



O *Rooriça* do sec. XVI não é, quanto a mim, como já disse, mais do que mera notação de *Ròriça*, por isso que na orthographia do tempo dois *oo* valiam muitas vezes por *o* aberto, sem que denotassem que em uma epoca anterior soavam duplamente, como é, por exemplo; o caso em *coorado*.

Embora existam no nosso onomastico outras palavras da familia de *robur*, taes como *Roboreda*, -o, -os (já na Hispania Tarraconense havia uma localidade chamada *Roboretum*), *Roboleiro* < *roborariu*-, não conheço mais nenhuma, semelhante a *Ròliça*.

2. VIMEIRO.

A freguesia do Vimeiro, onde o exercito anglo-luso deu batalha aos Franceses em 21 de Agosto de 1808, e os derrotou, fica na Extremadura, no concelho da Lourinhã. Ao referirem-se a esta batalha, muitas pessoas dizem *Vimieiro*, e assim se lê em um compendio escolar por onde estudei em criança, o que me fez igualmente escrever *Vimieiro* no meu *Dicc. de geogr. de Portugal*, Porto 1884 (agora, ainda que tarde, faço a emenda!). O proprio Oliveira Martins, se na *Hist. de Portugal*, 2.^a ed., vol. II, p. 246, tem correctamente *Vimeiro*, nas taboas chronologicas do fim do volume, p. 310, tem porém *Vimieiro*. Ainda num prospecto theatral distribuido em Lisboa em Dezembro de 1908, depois de tanto nos jornaes se ter fallado da batalha a proposito das festas do centenario da Guerra Peninsular, se lê o seguinte: «No

PAIZ DA LUZ. Titulos dos quadros:..6, *A batalha de Vimieiro*». Esta confusão vocabular vem de longe, porque nas *Inquisitiones*, p. 163, col. 1, a proposito de um Vimieiro medieval do Norte, citam-se em nota as lições *Vimeiro*, *Vimeeiro*, ao passo que o texto do respectivo documento tem *Vimieiro*.

Não ha dúvida que a pronúncia local extremenha é *Vimeiro*, e não *Vimieiro*. O engano dos que dizem e escrevem *Vimieiro* nasceu de existir na nossa lingua, mas applicado a outras localidades, um vocabulo com esta última fórma. Vou explicar as relações phoneticas em que um está com o outro.

Temos no lexico português muitas palavras botanicas que, ou provém de fórmas antigas que hoje estão representadas de outro modo, ou resultam de palavras latinas que os Romanos trouxeram para a Lusitania, e que com o rodar do tempo cá se alteraram pouco a pouco. Assim: *nogueira* vem de **nucaria*, isto é, *arbor *nucaria* «arvore que dá nozes»; *Salzeda* (pl. *Salzedas*) vem de **saliceta* «local onde cresce em abundancia o salgueiro ou *salix*». Pelo contrario *avelleira*, *macieira*, *romeira* tanto podem vir, respectivamente, das fórmas antigas *avellã*, *maçã*, *romã*, como de **avellanaria*, **matianaria*, **romanaria*¹.

Temos outras que, comquanto provenham indirectamente tambem do latim, são porém, sem dúvida, formadas já depois de constituida a nossa lingua, e até mesmo ás vezes em epoca muito moderna, por exemplo: *avellanzeira*, de *avellã*; *romanzeira*, de *romã*; *urzal*, de *urze*. As palavras *avellanzeira* e *romanzeira* dá-se até a coincidencia de serem paralelas a *avelleira* e *romeira*, mencionadas supra; *urzeira* é paralela a *urgueira*, que percorreu caminho diverso².

A palavra *Vimieiro* pertence á primeira classe, porque ou deriva da fórma archaica *vimêe*, que se lê por exemplo no *Archivo Hist. Port.*, I, 243, ou nasceu do lat. vulg. **viminariu*-, por intermedio de *vimieiro* e *vimeneiro*³, como *lumieira* de *luminaria*, e *semiar* < *semear* de *seminare*. O etymo, tanto de **viminariu*-, como de *vimêe*,

¹ Os documentos medievaes contém: *Aveleira*, *Avelacira*; *Mazeira* (= *Maeeira*), *Mazeira* (= *Maçaeira*), *Mazaneira* (= *Maçãeira*). Vid. *Onomastico de Cortesão*, s. vv. Com as duas primeiras liga-se tambem *avelaneyra*, que se lê no *Cancion. da Vaticana*, ed. de Monaci, n.º 761, ou o *n* tenha ahi valor dental (na Beira-Baixa é corrente o dizer-se *avelaneira*), ou sirva de nasalar o *a*.

² Cf. D. Carolina Michaëlis, in *Miscel. di Filologia*, pp. 161-162.

³ *Diplomata et Chartae*, p. 108, no titulo do doc.; *ibid.*, p. 540; *Inquisit.*, p. 163, nota. Noutro doc. latino ha *Vimenario*: vid. *Dipl. et Ch.*, p. 103.

é vimen, isto é, *vimine(m), visto que o neutro se tornou masculino, por influencia de pecten. Só *vimine- explica *vimêe*, e o hesp. *vimbre* (e *mimbre*). O povo ainda hoje diz dialectalmente *vimem*, pelo menos na Beira-Alta, como diz *pêntem* < pectine-¹.

Isto pelo que toca á phonetica e á morphologia. Vejamos agora a significação de *Vimieiro* e *Vimeiro*.

Fallando de *Vimieiro*, villa de Portugal, no Alemtejo, escreve Bluteau, *Vocabulario*, s. v.: «em hũa bella planicie; chamarão-lhe assim por causa dos muitos *vimes* que nella havia». Creio que é baseados nesta hypothese de Bluteau que alguns dictionaristas definem *vimieiro* «terreno plantado de vimes», ou «terreno onde crescem vimes». Outros applicam a definição tambem a *vimeiro*. No *Dicc. Contemporaneo* lê-se: *vimeiro*, 1) «planta»; 2) «lugar plantado de vimes». Na *Encyclopedia Port.*: *vimeiro*, 1) «lugar plantado de vimes»; 2) «vime». — A verdade é que, tanto quanto tenho observado, *vimieiro* e *vimeiro*, que existem na lingua corrente como substantivos communs, são synonymos, e significam, quando sós, um mesmo arbusto, — a *salix viminalis* dos botanicos; *vimieiro* é fôrma antiga, *vimeiro* é fôrma relativamente moderna. Brotero, *Flora*, I (1804), 28-29, só conhece a segunda fôrma: *vimeiro ordinario*, *vimeiro do Norte*. Um camponês da Beira explicou-me as duas palavras assim: «o povo diz *vimieiro*, mas como se deve dizer é *vimeiro*». Exprimia-se d'este modo, porque tinha em mente *vime*, e porque o *i* de *-ieiro* lhe parecia de mais.

Deve entender-se que os nomes de terra *Vimeiro* e *Vimieiro* provêm de nomes cummuns. É vulgarissimo tornar-se geographico um nome de planta, pois ha íntimas relações entre a toponymia e o solo. Achamos outros exemplos (e conheço centenas!) em *Alamo*, *Carvalho*, *Pinheiro*, *Sabugo*, *Vide*.

Não pude verificar por completo, mas provavelmente a fôrma com *-eiro*, isto é, *vimeiro*, predomina no Sul de Portugal; e a fôrma com *-ieiro*, isto é, *vimieiro*, predomina no Norte; o Centro deve oscillar. Pelo menos uma é de certas regiões, e a outra de outras.

¹ As pessoas estranhas á Glottologia supporão que *vimem* se póde explicar pelo latim vimen; mas no latim vulgar o -x- em uma palavra como esta caía, sem deixar vestigio. — Como illustração do que digo no texto, acrescentarei que na Beira-Baixa (Celorico) se diz *vimão*. Esta fôrma não deve provir de *vimem*, mas estar para *vime*, ou *vimo*, como *códão*, *fêlão*, *frângão*, *morângão*, *pintão*, etc., respectivamente para *códo*, *felo*, *frango*, *morango*, *pinto* («pintainho»): cf. sobre o assunto D. Carolina Michaëlis, in *Bulletin Hispanique*, VII, 194, nota, e David Lopes, *Toponymia arabe de Portugal*, Paris 1902, p. 35.

Vem a proposito fazer mais algumas observações sobre nomes botânicos.

Em latim existiam várias palavras que, differindo entre si apenas na terminação e no genero, significavam, conforme isso, plantas ou partes de plantas (frutos, flores, etc.), por exemplo:

buxus «buxo», *buxum* «madeira de buxo»;
cérusus «cerejeira», *cérasum* «cereja»;
malus «macieira», *malum* «maçã»;
morus «amoreira», *morum* «amora»;
myrtus «murta», *myrtum* «murtinho»;
pirus «pereira», *pirum* «pera»;
prunus «ameixieira», *prunum* «ameixa».

Outras palavras tinham ao mesmo tempo as duas significações: *córylus* «aveleira» e «avelã»; *figus* «figueira» e «figo»; *castanea* «castanheiro» e «castanha»¹.

É evidente que as palavras da segunda categoria se prestavam a confusão, e que no latim vulgar as da primeira também, por tomarem uma mesma fôrma: *piru-* «pereira» e «pera», *moru-* «amoreira» e «amora». Por causa d'isso o povo recorreu a certos expedientes. No que vou dizer, referir-me-hei apenas ao português². A fôrma plural *pira*, de *pirum*, foi tida por singular feminino, e transformou-se em *pera*; para se significar a arvore que dá as peras, isto é, *pirus*, criou-se *pereira*, com a adjuncção do suffixo adjectivo feminino -aria ao thema de *pira*, como quem dissesse arbor *piraria, ou, já em português, com o suffixo -eira, junto ao thema de *pera*. Factos analogos se deram com *morum*, que passou a *mora*, d'onde *amora* e *amoreira*. De *malum* fez-se *mala*, que, com a adjuncção do adjectivo Matiana, passou a *mala Matiana*, como se lê em Suetonio³, frase que se simplificou em *matiana* = *maciana*, d'onde veio *maçã* > *maçã*; á arvore chamou-se *macieira*, cujas fôrmas antigas vimos acima, pag. 163, nota 1. *Myrtum* converteu-se em *myrta* =

¹ Em grego aconteciam factos semelhantes: *κάρυα* «nogueira», *κάρυον* «noz»; *συκία* (-ῆ) «figueira», *σῦκον* «figo»; *κέρσος* «cerejeira», *κέρσιον* «cereja»; — *ἄλεια* «azeitona» e «oliveira».

² Nos idiomas germanicos (alemão e inglês) tudo se simplifica, juntando-se ao nome do fruto uma palavra significativa de arvore, ou synonyma: *Apfel* «maçã», *Apfelbaum* «macieira»; *cherry* «cereja», *cherry tree* «cerejeira», *raspberry* «medronho», *raspberry-bush* «medroureiro».

³ Na *Vida de Domiciano*, 21 (*Matianum malum*).

murta, e a baga foi designada com o suffixo *-inus*: **murtinu* > *murtinho*¹; a par de *murta* ha tambem *murteira*² e *murtinheira*. Em vez de *prunum* criou-se o adjectivo **pruneu*-³, que, com prothese de *a*, deu *abrunho*; a arvore é *abrunheiro*, nome formado com o suffixo *-eiro* < *-arius*, masculino de *-aria*, mencionado ha pouco. De *cérasum* fez-se igualmente um adjectivo, mas feminino: **cerásea* > *cereja*; a arvore é *cerejeira*⁴. *Buxus* deu outro adjectivo: **buxeu*-, pois é esta a unica fórma que explica *buxo*; para se exprimir *buxum* diz-se ou «*buxo*», ou perifrasticamente «*madeira de buxo*», portanto sem vantagem ao latim. *Ficus*, outrosim com mudança de genero, manteve-se na fórma *figo*, e á arvore deu-se o nome de *figueira*. O substantivo feminino *castanea* ficou com o seu genero, embora só na accepção de «*castanha*», pois a arvore é *castanheiro*. Finalmente, *córylus* desapareceu, pelo menos no uso geral, e substituiu-se-lhe *abellanaria* e *abellana* (*nux*), palavras cujo etymo está em *Abella*, nome de uma cidade da Campania, onde a respectiva arvore abundava, e era de optima qualidade, como ainda hoje.

A nomes com o suffixo *-eira* correspondem ás vezes nomes com o suffixo *-eiro*, embora de ordinario, senão sempre, com differenças de sentido: *castanheira*—*castanheiro*, *espínheira*—*espínheiro*, *pereira*—*pereiro*, *pinheira*⁵—*pinheiro*, *sobreira*—*sobreiro*⁶.

Por este teor se criaram outros, que pôdem não só não corresponder a fórmas femininas, mas mesmo ter themas que não são de origem latina: *coqueiro*, *limoeiro*, *pilriteiro*.—Em francês o normal é *-ier*: *le figuier*, *le poirier*. Se ha muitos casos em que os nomes com *-eiro* provém de themas de nomes masculinos, e os nomes com *-eira* provém de themas de nomes femininos, como *pereiro*—*pero*, *limoeiro*—*limão*, *vimeiro*—*vime*, *abrunheiro*—*abrunho*, *pereira*—*pera*, *videira*—*vide*, *aboboreira*—*abobora*, isso não é regra absoluta: cfr. *figueira*—*figo*⁷.

¹ Em latim ha *myrtinus*, mas o suffixo é outro, pois tem breve o *i*.

² Na Beira-Baixa *murteira* é a *Myrtus vulgaris*; *murta* é qualquer fragmento da planta.

³ *Rev. Lusitana*, II, 370.

⁴ Parallela a esta fórma ha *cerdeira*.

⁵ Dizem-me que *pinheira* em Sezimbra significa pinheiro manso, quando pequeno. É tambem o nome de uma arvore brasileira: vid. Moraes, *Dicc.*, s. v.

⁶ O Sr. Pereira Coutinho, na sua preciosa obra sobre as *Quercus de Portugal*, Coimbra 1888, p. 44, chama ao *sobreiro* «arbor adulta», e á *sobreira* «arbor grandaeva».

⁷ Todavia o onomastico apresenta-nos *Figueiro*, *Figueiros*, *Figueirinhos*. E *Figueiro* é outrosim nome de homem (de origem geographica).—Talvez *figueiro* significasse outr'ora «figueira brava».

O suffixo *-eiro* apparece tambem em nomes de plantas, derivados de themas de palavras que tem uma mesma ou semelhante significação: *buxeiro*—buxo¹, *carvalheiro*—carvalho (Obidos), *choupeiro*—choupo (ibid.), *freixeiro*—arc. frêixão > freixo, *loureiro*—louro, *olmeiro*—olmo, *pinheiro*—pinho, *sabugueiro*—sabugo, *salgueiro*—salix, *sobreiro*—sobre, *zambujeiro*—zambujo. O mesmo acontece ao suffixo *-eira*: *carvalheira*—carvalha (carvalho)². Os themas primitivos como que foram ampliados, e este processo em parte ascende ao latim vulgar, porque os suffixos *-eiro*, *-eira* tem character adjectival bastante saliente, ao passo que nos vocabulos anteriormente citados elles dão a estes funcção substantiva (se na origem *-aria*, em *arbor-aria*, era adjectivo, no decurso das idades tornou-se substantivo: *amendoeira*, *oliveira*, *pereira*), em parte é de origem post-romana, em virtude de analogia com vocabulos de character antigo.

Portanto *vimieiro*—**viminariu*— está para *vimêe*—**vimine*— na mesma relação morphologica em que *freixeiro*—**fraxinariu*— está para *fréixão*—*fraxinu*—; e assim como por outro lado a *freixo* corresponde *Freixeiros* (nome geographico), assim a *vime* corresponde *vimeiro*³.

3. BUÇACO.

Geralmente escreve-se hoje *Bussaco*, com *ss*; como causará estranheza a muitas pessoas a orthographia que adopto, preciso de a justificar.

Se em muitos pontos de Portugal os sons *s* (*ss*) e *ç* tem um mesmo valor, que ora é *ç*, ora é *s* (*ss*), noutros pontos existe distincção, e a mesma existiu antigamente até certa epoca: a literatura documenta-a ainda no sec. XVI. Nas palavras que se escreviam e pronunciavam com *ç*, este tem origem diversa da de *s* (*ss*): por exemplo *paço*, do

¹ Na Beira-Baixa (Celorico), em vez de um buxo muito alto ou muito velho, diz-se um *buxeiro*. Tambem ha *Buxeiro* no onomastico (Villa Real).

² Falando-se da madeira e carvão de certas plantas, como *pinheiro*, *castanheiro*, *sobreiro*, e outras, é usual dizer-se: *mesa de pinho*, *pau de castanho*, *carvão de sobre*, etc. Nuns casos, como *pinho* e *sobre*, empregam-se realmente as palavras primitivas; noutros, como *castanho*, faz-se derivação regressiva (cfr. *rosmano*, deduzido de *rosmaninho*: vid. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 316). Em *cavallo castanho* a ultima palavra nada tem com a homonyma, citada ha pouco, pois é adjectivo: aquella frase está por *cavallo* (côr de) *castanha*, em virtude de um processo que estudei na *Revista Pedagogica*, I, 65 ss.

³ Cf. o que escrevi na *Rev. Lusitana*, VI, 152.

lat. palatiu-; e *passo*, do lat. passu-. Na primeira o som ç provém de ti + vogal; na segunda o som representado por ss provém de ss.

Quem pois quizer escrever uma palavra com acêrto, tem de saber de ante-mão como era a orthographia antiga d'ella, pois escrevê-la de um modo ou de outro faz que se siga ou se deixe o caminho historico.

Pelo que toca a *Buçaco*, direi que, ao contrário do que se crê, ella não é unica, e que a sua graphia de outr'ora é com ç, ou com outra letra phoneticamente equivalente a ella, isto é, com z.

Buçaco designa não só a célebre montanha de ao pé do Luso (Beira Occidental), ao mesmo tempo tão pittoresca, pela sua rica vegetação e situação, e historicamente tão notavel, pelos monumentos que abriga, e sobretudo pela batalha ahi ganha a Massena em 27 de Setembro de 1810, mas tambem um lugar no concelho dos Arcos (Alto-Minho), e um casal no concelho de Guimarães (Baixo-Minho); com a fôrma de plural (*Buçacos*) designa um sitio, com dois casaes, no concelho de Paços de Ferreira (Baixo-Minho); o seu derivado *Buçaqueira* designa um lugar no concelho de Rêsende (Beira-Alta). Na Galliza ha os seguintes nomes geographicos: *Buzaca*, provincia de Pontevedra; *Buzaco*, provincia da Corunha; *Buzacos*, provincia de Orense.

Os mais antigos documentos provenientes de Portugal, respectivos a diversas localidades, tem: *Buzaco*, sec. x; *Buzacco*, e *Buzzako*, sec. xi; *Buzacos*, sec. xiii; *Buçaco*, xiv¹. O *Buzaco* da Corunha vejo-o

¹ Vid., com relação aos secs. x, xi e xiii: Cortesão, *Onomastico*, s. vv.; Simões de Castro, *Guia do Bussaco*, 4.^a ed., p. 92 (ambos estes autores se referem aos *Portugaliae Monumenta Historica*). Com relação ao sec. xiv reproduzo aqui o seguinte documento que o Sr. Pedro de Azevedo encontrou na Torre do Tombo, *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. iii, fl. 4 v; «herdamento manço... fréguesia de Sam Pedro de ual longo no Julgado de uouga... o qual herdamento he como se começa no ual que chamam do mato velho des i como sse uay pelo uale do mato velho acima que diz por o chãao de cima de tras a deuesa como diz per cima da lonba dantre o uale de pááy Johanes, e ende ao uale de Bucaco (*sic*) como diz per cima dó óuteiró e da carreira do porto da carualha como sse deçe per entre o Brunhido e os uales como se uai juntar pola agoa da Rigueira como sse uai iuntar no uale do mato uelho». Coimbra 7 de Março de 1364 (1326) —. A fréguesia de S. Pedro de Vallongo, a que o documento se refere, é no concelho de Agueda. Segundo pesquisas que o Sr. Dr. Albano Pereira dos Santos fez amavelmente a meu pedido, e de que me deu parte, a denominação de Buçaco, de que falla o documento (este tem c por ç), existe ainda hoje: VALLE DO BUÇACO. O valle fica ao Norte de Fermentões, na fréguesia de S. Pedro de Vallongo, e é muito lindo. Existem tambem, conforme as informações que o mesmo Sr. me deu, as denominações de: *Val de Mato Velho*, *Chão de cima de trás da Devesa*, *Lomba*, *Carreira do Porto da Carvalha*, que se citam no documento. *Brunhido* e *Rigueira*

citado em García de Diego com a fôrma de *Botiacu*, que supponho será medieval¹.

Em 1634 publicaram-se em Lisboa as *Soledades de Buçaco*, de D. Bernarda Ferreira de Lacerda; conquanto o livro seja quasi todo em hespanhol, tem uma dedicatória portuguesa ás religiosas de S. Alberto, e ali se mostra ainda o ç: «Porque Vs. Ms. não podem ver as »perfeições do seu deserto de *Buçaco*, as quis eu mostrar nesta breue »descripção». Na Chancellaria de D. Felipe III, liv. xvii, fl. 224 (Torre do Tombo), lê-se porém já «serras de *busaco*» em um documento de 1638².

No sec. xviii creio que só se encontrará a graphia *Bussaco* (por exemplo, *Diccionario Geographico* de Cardoso, t. II, 1751, p. 309), e assim continuou ella a existir (por exemplo *Descripção de Portugal*, Lisboa 1817, p. 65) até os tempos modernos, em que o ç foi restaurado com intuitos philologicos: vid. Gonçalves Vianna, *Orthografia Nacional*, Lisboa 1904, p. 344. Devo todavia dizer que Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, levado da consideração das antigas graphias, adoptou ç nas *Memorias do Buçaco*, publicadas ha muitos annos: na 2.^a edição, Coimbra 1850 (não conheço a 1.^a), vem de feito assim; na 3.^a, Coimbra 1864, mudou de opinião, e o titulo apparece transformado em *Memorias do Bussaco*.

Infelizmente, se posso justificar com documentos a escrita com ç, não posso indicar a origem do vocabulo, porque ella é desconhecida e difficil. As explicações que se tem dado d'elle carecem de fundamento.

V

Da Medalhística em Portugal

O que por ora se escreveu em Portugal acêrca de medalhas resume-se em pouco.

Sobre as origens da nossa Medalhística vid. o que diz o Dr. Arthur Lamas no *Arch. Port.*, XII, 55-57, onde cita uma noticia que Severim de Faria (sec. xvii) deu de uma medalha do cardial D. Jorge da Costa, e se refere ao projecto formado pelo Marquês de Abrantes (sec. xviii) para tratar de medalhas portuguesas.

tem em Bâtista, *Chorographia*, III, 20, as fôrmas *Bronhido* e *Requeira*.—Os vocabulos geographicos, quando não ha razão especial para que desapareçam, são sempre muito resistentes.

¹ *Elementos de Gramat. hist. gallega*, Burgos 1909, p. 56.

² Informação do Sr. Pedro de Azevedo.

A bibliographia posterior ao que fica indicado póde expor-se no seguinte quadro:

- I. *Historia Genealogica* de D. Antonio Caetano de Sousa, onde, no t. iv (1788), p. 487, ha um catalogo de vinte medalhas (nas quaes se incluem sete, que, como Sousa declara, haviam sido já escolhidas pelo Marquês de Abrantes).
- II. Lopes Fernandes, *Memoria das medalhas e condecorações*, 1861¹.
- III. Trabalhos do Dr. Teixeira de Aragão: a) Notas intercaladas nos tres volumes da *Descripção das moedas de Portugal*; b) *Histoire du Travail*, p. 101-106 (catalogo especial); c) *Catalogo* da collecção de Sanches de Baena, 1869.
- IV. Opusculos do Dr. Arthur Lamas, publicados de 1905 a 1910. Vid. adiante.
- V. Outros folhetos especiaes: *Numismatica*, por Santos Leitão, 1897 (trata só de medalhas, e não de moedas, como o titulo dá a entender); *Medalhas do Museu do Porto*, por M. J. Pereira, 1898; *Medalha de Sousa Martins*, 1903, *Medalha miguelina*, 1906, e *Medalha escolar do Collegio do Espirito Santo*, 1907, — pelo Dr. Xavier da Cunha; *Medalha do Congresso de Numismatica*, por M. J. de Campos, 1904; *Medalha do Palacio de Crystal*, 1909, por Candido Xavier (dissertação escolar); *Noticia historica das ordens militares e civis portuguezas*, por A. Tavano & J. A. da Silva, Lisboa 1881 (com estampas das insignias).
- VI. Catalogos com a descripção concomitantemente de medalhas e moedas. Por exemplo, alem dos de Aragão, já citados: *Catalogo* da collecção de Ferreira Carmo, pelo Dr. P. A. Dias, 1877; *Catalogo de moedas e medalhas*, por A. A. Martins, 1889; *Catalogo* do Museu de Guimarães, por Freitas Costa & Abbade de Tágilde, 1900; *Catalogos* do Bazar Catholico.
- VII. Varias publicações em que accidentalmente se descrevem ou figuram medalhas; periodicos; noticias; estampas soltas e estatutos de sociedades. Por exemplo: *Almanach para o anno de 1786*, em que vem uma estampa com a meda-

¹ Possuo d'esta obra um exemplar que pertenceu ao proprio Lopes Fernandes, pois tem muitas notas escritas de seu punho. Offereceu-m'o para a minha bibliotheca particular a Ex.^{ma} Viuva do Dr. Teixeira de Aragão, a qual o herdára de seu marido.

lha da Academia das Sciencias de Lisboa; *Ensaio sobre Portugal*, de Pereira e Cunha, 1854; *Archivo Pittoresco*; *Panorama Photographico*; *O Archeologo Português*; *Os caminhos de ferro de Portugal*, pelo Dr. Luciano de Carvalho, Lisboa 1906 (medalhas a p. 18 sgs.); estampa da medalha que a Academia das Sciencias cunhou em honra de D. Miguel; explicação da medalha da fundação do Collegio de Campolide, delineada e gravada por D. Fernando de Almeida; prospecto com a medalha do Dr. Bombarda (congresso de Medicina); *Estatutos da Confraria do Coração de Maria*, 1850.

ADDITAMENTO:

a) Publicações estrangeiras, ou de estrangeiros (embora em português). Por exemplo: prospecto dado a lume em 1795, em Lisboa, pelo physico francês Bouch, com explicação de medalhas portuguesas e inglesas¹; descrição da medalha de Pedro Alvares Cabral, por Julio Meili; noticias avulsas ou menção em livros; catalogos (de Schulman, Fuldauer, etc.); artigos em jornaes.

b) Folhetos de character mystico (e não propriamente historico), relativos a veronicas, ou com allusões a ellas. Por exemplo: *Summario das indulgencias das veronicas* de S. Bento, 1778; *Breve noticia da cruz ou medalha de S. Bento*, 1896; *Noticia historica sobre a origem e effeitos da nova medalha da immaculada Conceição*, 1848.

De tudo o que fica citado o mais importante é sem duvida o seguinte: o catalogo de D. Antonio Caetano de Sousa, por ser nelle que pela primeira vez, em Portugal, se estamparam medalhas; o livro de Lopes Fernandes, por constituir um trabalho geral e methodico, unico por ora neste genero entre nós; os opusculos do Dr. Arthur Lamas, não só pelo seu número, mas porque a materia é ahi tratada com bastante desenvolvimento, desempe-

¹ Vid. Lopes Fernandes, *Medalhas*, p. 2. Este prospecto é hoje muito raro. Só se conhece um exemplar, que pertenceu ao proprio Lopes Fernandes, e que o Sr. Tenente Ferreira Lima comprou na Livraria de Pereira da Silva. Merecia a pena reproduzi-lo, como documento curioso da nossa bibliographia medalhística.

nhando nelles as medalhas as funcções de documentos, que completam os quadros historicos que o autor traça sobre o assunto de cada uma¹.

*

Pelo que respeita a collecções de medalhas portuguezas, é-me impossivel aqui mencioná-las todas. Temos collecções officiaes, e collec-

¹ Eis a lista:

a) Estudos de medalhas existentes na collecção organizada por José Lamas, e conservada e muito augmentada pelo autor, seu filho:

Uma medalha inedita (epoca de D. João VI), 1905;
Medalhas de salvação, 1905;
O desacato de Santa Engracia, 1905;
Medalhas de D. Catharina de Bragança, 1903;
Medalhas de D. Miguel, 1906;
Medalhas da guerra da successão, 1906;
Medalha da Academia Real da Historia, 1907;
Medalha da aclamação de D. Carlos, 1907;
Medalha do casamento de D. João VI, 1908;
Medalha de D. Antonio Manoel de Vilhena, 1908;
Centenario de uma medalha da Guerra Peninsular, 1908;
Medalhas da Academia Real das Sciencias, 1909;

b) Da collecção de Vasset (Paris):

Medalha do cardeal D. Jorge da Costa, 1910.

c) Catalogos:

Portugal no «Cabinet des médailles» de Paris, 1909.
Medalhas e senhas do Museu Ethnologicò, 1909;
Moedas e medalhas do Museu do Carmo, 1907.

Todos estes trabalhos, menos o último, appareceram primeiro no *Archeologo Português*, d'onde se fizeram edições á parte.

Alem d'isso o Dr. Lamas inseriu um artigo na *Rassegna Numismatica*, v, 23 sgs., sobre «moedas e medalhas do reinado de D. Carlos I», e outro, em francês, na *Gazette Numismatique*, 1910, a respeito de C. Wiener, que gravou varias medalhas concernentes a Portugal; do último d'estes artigos fez-se separata (opusculo de 16 paginas). Tambem publicou um *Catalogo das moedas portuguezas e outras* da collecção de seu fallecido pae, Lisboa 1903, e uma *Noticia necrológica de Julius Meili*, 1907 (separata do *Archeologo*).

Quem em tão pouco espaço de tempo tem já dado a lume tanta cousa boa, e revela tamanha aptidão para a Medalhistica e para os estudos scientificos em geral, deve proseguir até o fim no cultivo de um terreno que ainda em grande parte encontra por desbravar. Ao Dr. Arthur Lamas está reservado, como creio, brilhante futuro na nossa Historiographia. *Macte virtute diligentiaque esto!*

ções particulares, tanto no país como fóra. A umas e outras já a cima em parte me referi. Algumas nasceram em epocas antigas. Várias collecções dispersaram-se, como as de J. Meili, Suíço, A. de Araujo Ramos, Brasileiro, Judice dos Santos, e Cyro A. de Carvalho, vendidas em leilões em Amsterdam. Uma das collecções mais importantes, ultimamente organizadas, era a do fallecido negociante lisbonense Barbosa, a qual, segundo me consta, foi vendida para o Brasil. De maneira geral deve dizer-se que em todos os gabinetes numismaticos, quer publicos, quer privados, ha ao mesmo tempo moedas e medalhas.

VI

Ampliações bibliographicas

Visto que, de encontro á minha vontade, este trabalho, que devia vir a lume em fins de 1909, só agora o vem (1911), porque só ultimamente o concluí, posso ampliar com mais algumas indicações bibliographicas a noticia que dei na nota 2 e 3 de pag. 140.

Additamento á relação das especies bibliographicas relativas á Revolução Francesa e Imperio, 1789-1815, comprehendendo a Guerra Peninsular (Biblioteca de Adolfo Loureiro), Lisboa 1910.

Centenario da Guerra Peninsular: Exposição bibliographica: Biblioteca particular de S. M. El-Rei, Lisboa 1909.

Migalhas bibliographicas, por Marques Gomes, Aveiro 1910.

Diario de Noticias, 8 de Março de 1910: «Noticia da exposição historica do Museu de Artilharia».

A Figueira e a invasão francesa, por Pedro Fernandes Thomás, Figueira da Foz 1910.

Boletim das Bibliothecas e Archivos, IX (1910), 33-90: «Noticia da exposição bibliographica da Bibliotheca Nacional de Lisboa».

Guerra Peninsular: notas, episodios e extractos curiosos, por F. A. Martins de Carvalho, Coimbra 1910, 100 pag.

Collection de feu Dr. Jules Meili à Zurich: «Catalogo de moedas e medalhas», por J. Schulman, Amsterdam (1910), 2.^a parte, p. 37-51: medalhas relacionadas com a guerra peninsular.

Boletim da 2.^a classe da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. III: «Centenario da Guerra Peninsular», Lisboa 1910.

Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa: Catalogo das obras referentes á Guerra da Peninsula, coordenado por Cardoso de Bettencourt, Lisboa 1910.

Primeiro Centenario da Guerra Peninsular: *Exposição historica commemorativa: Catalogo*, Lisboa 1910.

*

As festas da commemoração da Guerra Peninsular foram antecedidas da publicação de um *Programma e Relatorio elaborados pela Commissão nomeada por Portaria de 2 de Maio de 1908*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908.

J. L. DE V.

Nota a «O Archeologo», XIV, 50

A palavra = teudo = no sentido de «obrigado»

Com a expressão *a que é tudo (teudo)* «a quem é obrigado» compare-se a seguinte, que se lê num documento gallego do sec. XIV, publicado por Vaamonde Lores, *Ferrol y Puente deume*, Coruña 1909, p. 85: «diga ou faça dizer . . una missa de cada dia para senpre por la anima del Rey don Enrrique e minna e de aqueles a que eu soon tyudo».

J. L. DE V.

Dr. Antonio dos Santos Rocha

Da minguada fileira de cavadores, que andam rompendo este campo da investigação antiga do homem, lá tombou mais um, e não era de certo dos que menos tressuavam no seu labor. A figura do Dr. Santos Rocha assomava bem estremadamente no meio d'esses poucos que sustentam nas mãos a ferramenta, com que se desenterra o nosso passado de sob as mantas de detritos das várias gerações. Era um vulto solido e ardoroso, que sabia acrescentar-se a si proprio pelo esforço com que trabalhava, pela constancia com que se mantinha no seu posto.

Seria injustiça para os vivos não reconhecer que outros ha tambem naquella linha de sinceros voluntarios, que de longe se enxergam pela sua avantajada estatura. Mas não é do preito aos vivos que venho agora desempenhar-me; é da homenagem a um morto, e um morto a cuja sombra devemos ir levar a consolação de que a sua empresa scientifica não esmorecerá, nem definhará.

E um pensamento, que os escritos do Dr. Santos Rocha consignavam com alguma frequencia, era o de que a sua actividade e dedica-



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

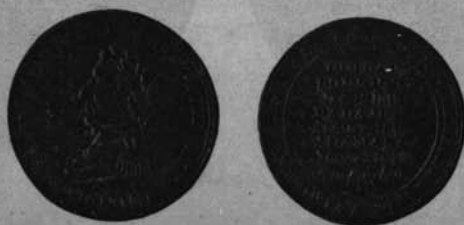


Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7